

# Sarney quer avançar no projeto de privatização

*Sarney - discurso*

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

O presidente José Sarney pediu ontem a colaboração crescente dos empresários para que o governo avance no projeto de privatização da economia, reduzindo a influência do Estado no setor produtivo. Acrescentou que desse projeto constam a abertura de capital de companhias estatais e a venda à iniciativa privada de outras empresas não típicas de governo. Para aquelas que continuarem sob gestão do Estado, disse o presidente, serão exigidas eficiência e produtividade idênticas às da iniciativa privada. Sarney garantiu que estatais somente serão colocadas à venda depois de saneadas.

Falando a cerca de 300 empresários de todos os setores, presentes ao "Forum Gazeta Mercantil", no Hotel Nacional de Brasília, Sarney arrancou aplausos quando afirmou que o acordo celebrado com os banqueiros, na quarta-feira, visando à redução das taxas de juros, foi fruto "do trabalho e do entendimento". "Ao invés de uma comunidade de agiotas seremos sócios da produção" — disse o presidente. Em seguida, atribuiu a decisão dos Estados Unidos de não impor cotas aos calçados como resultado das gestões do governo brasileiro e dos empresários do setor.

## EMPRESÁRIOS

Ainda no seu discurso, Sarney assinalou o fato de o governo ter recrutado entre as lideranças empresariais dois ministros de Estado. O mais recente, Dilson Funaro, ministro da Fazenda, se colocou em oitavo lugar na lista dos 11 líderes, enquanto Olavo Setúbal, ministro das Relações Exteriores, escolhido por Tancredo Neves, figurou em segundo lugar, logo depois de Antonio Ermírio de Moraes. Na 11ª colocação figurou



Foto Adão Nascimento — Telefoto Estado

## Sarney falou a quase 300 empresários de vários setores

Hélio Beltrão, presidente da Petrobrás. Depois, coube ao presidente da República a entrega dos troféus aos escolhidos. Entre eles estão Abílio dos Santos Diniz, Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho, Jorge Gerdau Johannpeter, Cláudio Bardella, Luiz Octavio Vieira, José Ermírio de Moraes e José Mindlin.

Antonio Ermírio de Moraes, eleito por mais de 300 grandes empresários como líder da categoria, o que se tem repetido seguidamente, fez um breve discurso. "Ainda ontem — disse — nós tomamos uma injeção de ânimo, porque vimos o governo e nós lutando contra as taxas de juros e não queremos fazer nada ilógico." Em seguida pediu total apoio ao governo para retirar o País "dessa situação vexatória" de crise e desemprego. "E nós sairemos dessa situação na humildade com responsabilidade.

Ser humilde e responsável é romper com a bandeira do egoísmo", completou Antonio Ermírio.

O deputado federal Herbert Levy, também presidente do grupo de publicações econômico-financeiras *Gazeta Mercantil*, abriu a solenidade com um veemente discurso. Disse que a política recessiva do governo anterior "significou o ingresso na área da pobreza absoluta de 15 a 18 milhões de brasileiros, compreendidos os desempregados e seus dependentes, com dificuldades até mesmo para aquisição de alimentos".

Herbert Levy, dirigindo-se a Sarney ainda enfatizou: "V. exa. mostrou-se, desde o início de seu governo, animado dos mesmos propósitos da liderança aqui reunida: não aceitou a recessão como remédio para os males da inflação".

## A abertura na economia

É a seguinte a íntegra do discurso do presidente José Sarney no fórum da *Gazeta Mercantil*:

"É um traço da sociedade humana a capacidade de gerar suas próprias lideranças.

E é ato de sabedoria política reconhecê-las, prestigiá-las.

Essas lideranças, a par do carisma com que já nascem, somam à sua tempera o desempenho de uma ação empreendedora que gera e multiplica riquezas, distribuindo-as pela comunidade. Uma ação que se baliza na superação do risco a ser enfrentado.

A vitória sobre o risco, sabemos, é fruto do exercício da inteligência. Uma tarefa assumida, pelo temperamento, e imposta, pelas circunstâncias, a homens que praticam o difícil engenho e a arte ousada de avançar enquanto outros se acomodam, derrotistas e derrotados.

Ao mesmo tempo, vemos que as lideranças empresariais aqui premiadas representam o coroamento de um esforço permanente de homens identificados com uma classe produtora atenta aos rumos que o governo empreende, para, todos juntos, transformarem o quadro social brasileiro.

Somos hoje um país que avança dinamicamente no campo das liberdades políticas. A economia deve acompanhar esse renascer. Há de haver liberdade econômica para que se alcance plenamente a vigência da democracia.

Esta solenidade dá testemunho de que o setor privado da economia soube responder aos desafios do nosso tempo e reconhecer, no seu meio, os homens exemplares que lhe apontam, e ao próprio Estado, os rumos a seguir na luta pelo desenvolvimento econômico e social pela promoção do trabalho útil e digno.

Colho, também, da pesquisa realizada pela *Gazeta Mercantil*, num colegiado de mais de 300 empresários, uma indicação confortadora: a de que o meu governo recrutou, no seio do empresariado, para exercerem as mais altas e graves responsabilidades da administração, alguns dos nomes que merecem a confiança e recebem a homenagem dos seus pares. Encontram-se aqui, entre os dez eleitos, o ministro das Relações Exteriores, dr. Olavo Setúbal; o ministro da Fazenda, dr. Dilson Funaro; o presidente da Petrobrás, dr. Hélio Beltrão; o dr. Antônio Ermírio de Moraes, do Conselho Administrativo da Legião Brasileira de Assistência. Colaboram com o governo, no Conselho Monetário Nacional, os drs. Abílio Diniz e Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho.

Ganham também a homenagem dos seus pares os srs. Jorge Gerdau Johannpeter, Cláudio Bardella, Luís Otávio Vieira e José Mindlin.

Em muitos outros postos de relevância do governo da União encontram-se homens e mulheres que se destacaram no mundo da produção e das finanças.

A Nação e o Estado, em pacto social, resolverão os problemas que o Brasil enfrenta, com a iniciativa privada na vanguarda.

Este recrutamento da competência do setor privado pelo meu governo não é casual.

Quero dar criatividade à máquina do setor público, o senso de austeridade e a inquietação

produtiva do empresário privado. Na verdade, espero contar com uma contribuição crescente dos srs., ao avançarmos no nosso projeto de privatização da economia.

Quero que os empresários se voltem para o futuro, e nos sugiram e partilhem o caminho a seguir.

Desejo ouvir sugestões que nos levem a tirar o pequeno do emaranhado burocrático que enreda, tolhe e mata qualquer empreendimento.

Precisamos reduzir a interferência do Estado, que amarra com regulamentos em excesso a operação da economia. Temos que transferir para o capital privado, depois de saneadas financeiramente, empresas públicas economicamente viáveis.

Ao mesmo tempo, vamos levar as estatais que forem necessárias em setor não competitivo com a iniciativa privada a operar dentro de padrões de eficiência comparáveis aos do setor privado. É essencial a modernização da máquina administrativa.

Feçaremos as instituições dispensáveis ao setor público e seremos implacáveis no esforço de reduzir o déficit público, a fim de estimular e sustentar a tendência de queda das taxas de juros.

Outra ação importante do meu governo será ativar o mercado de capitais. A abertura do capital das empresas privadas ao pequeno poupador reverterá a atual situação: ao invés de uma sociedade de agiotas, tornar-nos-emos uma comunidade de sócios da produção.

Será pelo engajamento da pequena poupança no processo de crescimento que faremos chegar a abertura democrática ao campo econômico.

Disseram já alguns historiadores que o Brasil se formou sob a égide da economia predatória colonial e que o espírito dos colonizadores do Norte foi que criou a mística do trabalho que nós não herdamos. O governo quer ser um repensar, não da nossa índole, mas da nossa ação projetiva.

Quando, faz cerca de três meses, lembrei que a ordem era trabalhar, convocava a Nação a empenhar-se na reconstrução do Brasil sob nova ótica e perspectiva.

O acordo celebrado ontem visando a baixa dos juros nas aplicações a prazo é fruto do trabalho e entendimento do governo com a iniciativa privada.

A não imposição das restituições alfandegárias aos sapatos, nos Estados Unidos, resulta de certo modo da posição do governo e de empresários do setor. Há mais de um mês, expressando a nossa preocupação, dirigi ao presidente Ronald Reagan carta pedindo o cancelamento daquelas medidas protecionistas.

Se nos dermos as mãos, setor público e iniciativa privada, garantiremos as condições para o crescimento econômico com a queda da inflação.

Olhem para o futuro! Este é o desafio que devemos enfrentar. Esta batalha é nossa: dos senhores e minha. E chegaremos, juntos, à vitória.

Muito obrigado."